

“Não somos seres humanos a viver uma experiência espiritual,
somos seres espirituais a viver uma experiência humana”.

Theilhard de Chardin

Vivemos num mundo profundamente material, que privilegia o ter, alimentados pelo orgulho e pelo egoísmo, pensando que criamos de forma separada e independente alguma coisa, não entendendo que cada ser humano é apenas uma célula no grande organismo da humanidade e como tal, a mente de cada um nada mais é do que um aspeto da mente universal.

A nossa visão das coisas faz-nos privilegiar o estar em prejuízo do ser. Como o estar é o passageiro e o ser o permanente, prestamos assim servidão ao transitório e esquecemos o duradouro, porque na verdade, não reconhecemos sequer que existe continuidade em nós, por não acreditarmos na continuação da vida para além do período terreno da nossa existência. Num mundo assim, as capacidades, as aptidões de cada um, só interessam se puderem converter-se em quantidades, em posses, em poder visível.

Com uma visão quantitativa das coisas, quem mais tem mais apto é, e isso deve-se a uma formação que nos sugere objetivos puramente materiais, a necessidade do êxito, a conquista do sucesso, e que só vale o que tem valor prático, isto é, o que vende, o que dá dinheiro, o que nos dá posição social.

Se a questão se resume em estar apenas, “em viver esta vida que são dois dias, que o resto ninguém sabe o que é,” ganha quem for o mais esperto. E o mais esperto, uma vez vencedor, vai desfrutando a vida como se ela fosse uma recompensa pelo seu sucesso, vivendo na utopia de que são capazes de ser felizes através do ter.

No entanto, quem se liga ao transitório gera insegurança. Somos fabricantes de medo. Quanto mais se possui, mais se receia perder. Quanto, para alcançar a suposta felicidade, mais se depende de elementos externos, de coisas ou de outros que estão fora do nosso domínio, mais se constrói a inquietação da perda, porque, a qualquer momento, as coisas e os outros que ali estão podem deixar de estar.

A nossa civilização moderna tem deteriorado a tal ponto os conceitos sobre os valores que, para muita gente, todas as lutas se concentram no dinheiro como meio de satisfazer os seus apetites, comodidades, afeições ou luxos. Tais pessoas não compreendem que se possa praticar algum ato fora da mira de enriquecer, comer, beber, dormir e gozar todo o conforto da vida.

Apesar disso, tais pessoas não são felizes, vivem inquietas e ansiosas, correndo atrás de ilusões que se desfazem ao tocá-las, ou que produzem desejos mais intensos para outras ilusões.

Felizmente, há muitas pessoas em quem a centelha divina da espiritualidade não foi abafada pelo materialismo e que tem a percepção que somos seres em evolução e evoluímos pelo amor.

Pessoas que veem o mundo apenas como um cenário, um palco onde se vive uma peça de teatro montada para nosso benefício e que nada podemos possuir desse mundo do qual somos apenas inquilinos durante um breve prazo.

Esse modo de encarar o mundo dá uma postura de desapego e indiferença às coisas materiais e uma paz interior e de desenvolvimento pessoal.

Se passarmos a entender o mundo como um local onde podemos realizar um jogo com infinitas gradações de tons, um lugar belo de convívio e de possível felicidade, certamente que será muito

maior a tolerância, capacidade de ouvir, respeito pelas opiniões alheias. A construção de um caminho de aproximação, diplomacia, inexistência de barreiras entre nós e os outros, trará uma maior alegria e otimismo. Todo o potencial deve ser desenvolvido para o nosso bem e para o bem comum. A consciência que existe algo que é comum a todos e que estamos todos nestes processos de desenvolvimento e a compreensão desse elemento traz algo muito desafiador, para a nossa evolução.

O mundo, o nosso mundo, é um campo de conciliação e complementaridade, que nos permite a prática da fraternidade e ajuda ao próximo, ao mais fraco. A renúncia, e não a conquista, é o que verdadeiramente conta.

Resistimos à mudança porque toda a mudança implica uma revolução interior que exige algum compromisso com a verdade. Esse compromisso implica a humildade para aceitar a possibilidade de que alguns dos nossos mais estimados conceitos foram construídos sobre a areia e, finalmente, uma grande coragem para enfrentar a resistência inicial do nosso ego orgulhoso e inseguro. A história do “Senhor dos Aneis” mostra-nos isto. Quanto sofrimento e obstáculos uma pessoa tem que passar para destruir o anel! Tudo porque quem usa o anel é dominado pelo ego. Por vezes, o ego que deve ser superado é representado como uma besta - um dragão interior - que deve ser morto. É por isso que os cavaleiros medievais são muitas vezes retratados com uma besta debaixo dos seus pés.

Não devemos esquecer que somos seres divinos matriculados por uns tempos nesta escola planetária, e concebemos o nosso programa curricular para desenvolvermos todo o nosso processo de aprendizagem. Viemos da Luz e a sabedoria que existe em nós está para além daquilo que somos capazes de imaginar.

Continuamos na procura da Verdade e nenhum Mestre ou Iniciação no-la pode dar. Só pode ser alcançada através dos nossos esforços, pela preservação de continuar, apesar dos obstáculos e dificuldades que encontramos pelo caminho. Só pode ser alcançada através de um processo interno de transformação (que alguns chamam de transfiguração ou renascimento da alma). Uma escola como a Rosacruz indica-nos o caminho, e como segui-lo. O caminho interior é individual e está interligado à experiência que todos os seres vivos estão a experimentar. A Física Quântica veio demonstrar aquilo que as tradições já nos diziam há muito, que tudo que está ao nosso redor nos influencia, assim como nós influenciemos quem nos rodeia, por isso, tudo depende nós.

Bibliografia:

A Divina Sabedoria dos Mestres, de Brian Wess
Espiritualismo, de Emanuel Sáskya
Tradição Esotérica Cristã, de Raul Branco
A Doutrina Secreta dos Rosacruzes, de Karl Von Eckartshausen

Este texto foi feito com o precioso contributo do meu Amigo C e, obrigado pelas de muitas horas de conversas.